

HAPLOGOGIA NA FORMAÇÃO DE PALAVRAS ENVOLVENDO O SUFIXO –ÇÃO

Natália Cristine PRADO*

ABSTRACT: This research is aimed at presenting and discussing the haplology process which occurs in word formation that involves the suffix -ção in Brazilian Portuguese (BP). In the data analysis, we noticed that OCP is one of the factors that act in the cases which were found and that it makes the syllables with the feature [+coronal] on the onset not being adjacent in the derivatives in -ção formation. We could also notice that the syllable which is eliminated is a lightweight and unstressed CV syllable, while the suffix is a complex and heavy syllable and, therefore, it receives the main accent. At the same time, the suffix carries the necessary morphological information to create a new word, what makes it essential to the structure of the word that is being created.

KEYWORDS: haplology; word formation, Brazilian Portuguese; phonological processes

1. Introdução: o conceito de haplologia

O objetivo deste estudo é observar o fenômeno da haplologia desencadeado pela formação de nomes deverbiais envolvendo o sufixo –ção em Português Brasileiro (doravante PB). A haplologia é um tipo de processo fonológico (também conhecido como processo morfofonológico) que altera a forma dos morfemas. Desta forma dizemos que “quando uma forma básica lexical serve de motivação para uma regra fonológica, acontece um processo morfofonológico” (CAGLIARI, 2002, p.82). Esta pesquisa surge da necessidade de se levar em conta para a descrição de alguns fenômenos lingüísticos em determinados contextos não apenas sons, mas fatos de natureza gramatical, principalmente morfológica.

O conceito de haplologia é discutido em alguns trabalhos, sendo alvo de controvérsias. Para Câmara Jr. (2004[1964], p.134) a haplologia é um processo morfofonêmico que ocorre na composição ou derivação e que consiste na supressão de uma sílaba, exclusivamente entre duas sílabas iguais e contíguas, como nos casos das palavras *semínima*, em vez de **semimínima*, e *Candinha*, em vez de **Candidinha*. Ao contrário do que afirma Câmara Jr. (2004[1964], p.134), veremos adiante que trabalhos atuais sobre o PB mostram que a haplologia pode ser também sintática; além disso, alguns autores consideram que este fenômeno pode ocorrer também entre sílabas com alguma semelhança e não necessariamente idênticas.

Segundo Crystal (2000, p.137), haplologia é um termo da fonologia que indica a “omissão de alguns dos sons que ocorrem em uma seqüência de ARTICULAÇÕES semelhantes”. Como exemplo o autor cita as palavras *library*, pronunciada /laIbrI/, segundo ele, e *tragicômico*, formada de *trágico* + *cômico*. Nesses casos, alguns dos sons suprimidos são semelhantes, como vemos nas sílabas <ra> e <ry> da palavra inglesa *library*, e/ou totalmente iguais como <co> e <co> de *trágico* e *cômico*.

Plag (1988, p.199) lembra que, embora o tópico não seja novo, ainda não se sabe exatamente o que causa a haplologia:

morphological haplology is generally viewed as a dissimilatory process that interacts in some way with morphological structure. In spite of a long research

* Mestre em Lingüística e Língua Portuguesa; UNESP - Araraquara.

tradition on this pervasive phenomenon, the exact nature of morphological haplology has remained obscure

Segundo Plag (1998, p.199), estudos recentes sobre haplologia morfológica descrevem o processo como sendo uma maneira de evitar materiais fonéticos ou fonológicos idênticos em palavras morfológicas complexas. O autor (PLAG, 1998, p.199-200) aponta também que

haplology, in one form or another, seems to occur in almost any language with enough morphology to create phonetically identical sequences. [...] Thus morphological haplology seems to be universal in some sense but language-specific and even affix-specific in another sense. [...] Another problem concerns the interaction of haplology with other phonological properties, e.g., prosodic structure. In particular, I will show below that haplology sometimes depends on the suprasegmental properties of the complex word in question, such as syllabic structure and stress.

Plag (1998) estudou línguas germânicas (como o inglês e o alemão), sob o viés da Teoria da Otimalidade (PRINCE, SMOLENSKY, 1993; MCCARTHY, PRINCE, 1993) – doravante TO – e propôs que a haplologia resulta de uma família de restrições universais que proíbem a repetição de elementos idênticos, isto é, restrições baseadas no Princípio do Contorno Obrigatório (PCO) – que proíbe elementos adjacentes idênticos num mesmo plano. Para Cagliari (1999, p.17), o PCO é um ponto que ainda não teve uma discussão mais profunda na fonologia atual. Segundo o autor, “a ação deste princípio é a de barrar auto-segmentos iguais na mesma fileira (*tier*) na forma subjacente lexical. É uma forma de restrição” (CAGLIARI, 1999, p.17). Assim, de acordo com Plag (1998), essas restrições baseadas no PCO interagem com o componente morfológico e fonológico, apagando seqüências parecidas, como vemos no exemplo (1).

(1)
*OCP (feature), OCP (segment), OCP (onset), OCP (nucleus), OCP (onset, coda)*¹

Através do exemplo (1), podemos observar que o autor trabalha com um ranking de restrições baseadas no PCO. A seguir, Plag (1998, p.2) propõe a hipótese de que a haplologia ocorre a partir dessas restrições em interação com outras restrições prosódicas e morfológicas relevantes para a categoria morfológica em questão. Além disso, para esse estudioso, o ranking de restrições pertinentes para a ocorrência da haplologia varia de acordo com línguas específicas. O autor chega à conclusão de que as restrições da família do PCO são responsáveis pelos efeitos de haplologia morfológica encontrados. Portanto, para Plag (1998), é a interação do PCO com outros fatores típicos de cada língua e da situação morfológica específica de cada caso que explica, ao mesmo tempo, a universalidade e a variedade da haplologia. Segundo as conclusões do autor (PLAG, 1998, p. 214), a haplologia é um fenômeno essencialmente fonológico:

if it is true that morphological haplology is triggered exclusively by OCP constraints, morphological haplology must be seen as a purely phonological phenomenon. It is only the affix-specific ranking of OCP constraints and other

¹*OCP (feature)* é uma restrição que proíbe a adjacência de traços iguais; *OCP (segment)* proíbe a adjacência de segmentos iguais; *OCP (onset)* proíbe *onsets* iguais em sílabas adjacentes; *OCP (nucleus)* proíbe núcleos iguais em sílabas adjacentes e, finalmente, *OCP (onset, coda)* proíbe a adjacência de sílabas com *onsets* e *codas* iguais.

prosodic and morphological constraints that makes haplology appear to be a morphological or morpho-phonological phenomenon.

De Lacy (1999, p.1), que também observou o fenômeno a partir da TO, define a haplologia morfológica como sendo um processo em que “*while there are two phonologically identical morphemes underlyingly, only one phonological string appears in the surface form*”. Por exemplo, para formar o feminino singular em árabe, ocorre a adjunção do morfema *-ta* a um prefixo verbal, porém, quando esse prefixo também for terminado em *-ta*, apenas um dos morfemas se materializa na fala, como se pode observar no exemplo (2), abaixo, retirado de De Lacy (1999, p.1):

(2)

ta + ta + kassarū → *takassarū* e não **tatakassarū*

No entanto, De Lacy (1999), diferentemente do que propõe Plag (1998), acredita que esse fenômeno pode se tratar de um processo de coalescência, e não de apagamento de morfemas. Segundo Crystal (2000, p.49), coalescência é “a união de unidades lingüísticas que antes podiam ser distinguidas”, isto é, uma espécie de fusão de termos que antes estavam separados. De Lacy (1999, p.2) propõe que “*haplology is coalescence. In other words, underlying phonological material of different morphemes merges in the output – there is no deletion*” (DE LACY, 1999, p.2). Para o autor (DE LACY, 1999, p.2), o que acontece na haplologia é a união de sons semelhantes desencadeada por qualquer restrição de marcação (chamada por ele de C, de “*constraint*”, em inglês), o que provoca a fusão desses sons no *output*. No exemplo (2) acima, a restrição *coronal é relevante para <ta> e pode desencadear sua haplologia, mas *labial não é. A proposta do autor é formalizada pela TO em hierarquias de restrições e tentativas de explicar qual é a mais importante através de *tableaux*. A diferença dessa abordagem é que o material fonológico de todos os morfemas está presente no *output*, enquanto na haplologia como apagamento, o material fonológico de um dos morfemas não está presente no *output*. O autor (DE LACY, 1999, p.14) denomina OCP-generalizado a restrição que diretamente proíbe seqüências idênticas de segmentos adjacentes. De acordo com ele, essa restrição e *UNIFORMITY*², posicionadas acima de *MAX*³, podem produzir haplologia como apagamento; já, posicionando OCP-generalizado e *MAX* acima de *UNIFORMITY*, produz-se haplologia como coalescência. Para o autor, a haplologia é um processo de economia de estrutura que evita a violação de restrições e só ocorre se todas as especificações de traços subjacentes se mantiverem no *output*, o que, para ele, é uma exigência de identidade representada pela restrição IDENT-F, que garante que todos os traços do *input* sejam correspondentes aos do *output*. Continuando sua argumentação, De Lacy (1999) rejeita, ao longo de seu artigo, a visão clássica de que o PCO age provocando a queda da sílaba. Segundo ele, uma restrição como a OCP-generalizado, que bane seqüências idênticas de segmentos, é desnecessária, pois ele considera que a haplologia ocorre não apenas entre seqüências completamente idênticas, mas também entre unidades parcialmente idênticas. Dessa forma, para De Lacy (1999, p.14), existe uma haplologia com identidade parcial, ou seja,

² Restrição que proíbe a coalescência, determinando que nenhum segmento de *output* corresponda a mais de um segmento de *input*.

³ Restrição que proíbe o apagamento, determinando que todo segmento do *input* corresponda a um segmento de *output*.

informally speaking, some features simply do not matter in partial-identity haplology. For Japanese and French, the feature [voice] is irrelevant in computing the identity of adjacent strings, while for Nisgha only [coronal] and [voice] (and perhaps [consonantal]) matter – all others are irrelevant.

Concluindo, o autor (DE LACY, 1999, p. 35) afirma que a haplologia morfológica é um processo de coalescência que pode ser explicado pela hierarquia de restrições $MAX \rightarrow C \rightarrow UNIFORMITY$, em que C é qualquer restrição importante para a haplologia acontecer em determinado contexto. Essa conclusão do autor é bastante interessante porque representa que uma grande variedade de processos pode ser atestada, incluindo a haplologia de identidade parcial. Outro dado interessante é que não é necessário postular uma restrição OCP-generalizado que impede apenas seqüências adjacentes idênticas, dando abertura para outros tipos de análises.

Com relação à haplologia no PB, existem alguns trabalhos que observam, de maneira geral, a haplologia no nível pós-lexical. Para Tenani (2002, p. 135), “os poucos estudos descritivos encontrados sobre o processo de haplologia no PB tratam das regras segmentais e da relação da aplicação do processo à velocidade de fala rápida e ao status informacional”. Para Tenani (2002, p. 137) “a haplologia é definida [...] como sendo um processo em que há a queda total de uma sílaba”. A autora (TENANI, 2002), ao longo de sua tese, tece uma discussão sobre a aplicação da haplologia nos domínios prosódicos entre as fronteiras de ϕ^4 , I^5 e U^6 . Para esse estudo, produziu um *corpus* experimental em que controla as sílabas candidatas à haplologia nessas fronteiras. Após a análise dos dados, Tenani (2002, p. 116 e 119) conclui que “a haplologia se aplica entre todas as fronteiras prosódicas consideradas, inclusive entre Us ” e que “quanto mais alta a fronteira prosódica, menor é a ocorrência de haplologia”. A autora também controlou o acento das sílabas em envolvidas no processo, entre frases fonológicas, e verificou que a haplologia é bloqueada apenas quando a primeira sílaba da seqüência é acentuada; nos demais casos, o fenômeno ocorre.

Para Alkmin e Gomes (1982, p.51), a haplologia acontece apenas “com as dentais, exceto a nasal, quando as sílabas envolvidas no processo forem ambas átonas e a primeira vogal tiver o traço [+alto]”, como se observa nos exemplos (3) abaixo (retirados de ALKIMIN; GOMES, 1982, p. 48):

- (3)
Faculda(de) de letras
Cal(do) de cana

Leal (2006a, p.44) também considera o fenômeno como a queda total de uma sílaba: “a haplologia é um tipo de redução em que há apagamento total de uma sílaba, se estiver adjacente a outra e se seus segmentos forem iguais ou semelhantes”.

Em artigo, a autora (LEAL, 2006b, p.9), ao estudar o falar de Capivari, observou que

ao que concerne à haplologia, as consoantes plosivas dentais não são os únicos segmentos que estão compreendidos nesse processo

⁴ ϕ é o símbolo para a representação de uma frase fonológica.

⁵ I é o símbolo para a representação de uma frase entoacional.

⁶ U é o símbolo para a representação de um enunciado fonológico.

fonológico, bem como as vogais não têm necessariamente o traço [+alto]. Os dados do falar de Capivari corroboram as características apontadas por Alkmim & Gomes (1982) de que as sílabas sujeitas à queda devem ser átonas, mas mostram que a proposta das autoras pode ser muito restrita para dar conta dos dados do falar capivariano.

Alguns exemplos de haplologia “atípica”, na terminologia de Leal (2006b), encontram-se no exemplo (4), abaixo:

- (4)
na(da) de roubar
morei um po(*uco*) *com* a minha mãe
um mole(*que*) *com* outra

Para Leal (2006b, p.8) esses exemplos são atípicos, se comparados ao que Alkmim e Gomes encontraram em seu estudo: “houve haplologia cujos contextos consonantais possuem os traços [+coronal, -contínuo, -nasal], mas com sílaba CCV (para Alkmim & Gomes (1982), as sílabas sujeitas à queda devem ser CV)”. Isso indica que a haplologia pode acontecer com diferentes moldes silábicos. Leal (2006b) separa os casos em que ocorre a queda de uma sílaba cuja consoante do *onset* é diferente da consoante do *onset* da sílaba à sua direita e os chama de “redução silábica”. Contudo, a autora observa que, tanto na haplologia quanto na redução, a sílaba apagada é fraca, isto é, não possui o acento principal da palavra, permanecendo a sílaba forte. Observe os exemplos apontados por Leal (2006b, p.7) como sendo redução silábica:

- (5)
moran(*DO*) na rua
rouba(*VA*) boião de gás
eu qua(*SE*) morri
por ca(*USA*) da cabeça

Observando os dados acima e considerando as conclusões de De Lacy (1999) e Plag (1998), poderíamos nomear esses casos como haplologia de identidade parcial, já que as consoantes dos *onsets* das sílabas de cada caso partilham de traços semelhantes. Do mesmo modo, poderíamos considerar que alguns traços não são importantes para a ocorrência do fenômeno. Por exemplo, no caso de *rouba(va) boião* vemos que /b/ e /v/ só diferem nos traços [contínuo] e [estridente].

Leal (2006a, p.98) considera que “pode haver ocorrência de haplologia com quaisquer segmentos, sem importar o traço sonoridade”, porém, apenas entre consoantes com alguns traços semelhantes (labial+labial; coronal+coronal e dorsal+dorsal), pois a autora mostra que o “contexto segmental formado por coronais /d/ e /t/ com variação em [sonoridade] foi produzido pelos informantes”.

Battisti (2004) estuda a haplologia sintática no PB falado no sul do país, através de entrevistas sociolinguísticas do *corpus* VARSUL, pelo aparato teórico da TO, e recupera a discussão de De Lacy (1999), observando mais uma vez se esse processo poderia ser encarado como um fenômeno de coalescência e não necessariamente de apagamento da sílaba. A autora lembra que, embora De Lacy (1999) considere que a haplologia morfológica é um processo de coalescência e sem PCO, ele afirma que uma análise que considera a restrição OCP-

generalizado pode levar tanto a apagamento, como a coalescência. A partir de seus dados, a autora conclui que uma abordagem da haplologia sintática como coalescência só seria possível com fusão de sílabas iguais, mas, admitindo haplologia também entre seqüências semelhantes, o fenômeno poderia ser concebido como apagamento ou coalescência. Battisti (2004, p.37) resolve esta questão concluindo que, para o PB, o PCO é uma restrição importante para a ocorrência da haplologia e, por isso, ocupa posição privilegiada no ranking de restrições. Assim, a autora elimina a proposta de De Lacy (1999), que coloca o PCO abaixo de *MAX*, o que produziria a haplologia como coalescência. Essa conclusão da autora mostra que, independentemente do aparato teórico utilizado para a análise do fenômeno da haplologia, o PCO é importante para a análise desse processo no PB.

Como mostramos, a questão da haplologia é bastante complexa e vem sendo discutida por diferentes autores e de vários pontos de vista. Câmara Jr. (2004[1964], p.134) considera que a haplologia acontece apenas com sílabas iguais e adjacentes; já os trabalhos aqui apresentados consideram, na maioria das vezes, sílabas parecidas e que têm as mesmas consoantes ou ainda consoantes com alguns traços em comum. Além disso, observa-se que esse fenômeno pode ocorrer tanto na formação de palavras quanto no nível pós-lexical, em fronteiras de palavras e em demais momentos da hierarquia prosódica. É importante notar ainda, diante da diversidade do fenômeno, isto é, dos tipos de sílabas que são suprimidas e dos fatores que levam a essa ocorrência, que esse é ao mesmo tempo um fenômeno com características universais – por ocorrer em diferentes línguas e contextos – e particulares – por variar nos motivos que levam a essa ocorrência. Por fim, observa-se que a maioria dos autores considera que o PCO age condicionando a haplologia – sobretudo Battisti (2004) para o PB, que considera o PCO uma restrição importantíssima para a ocorrência desse processo, e Leal (2006a, p.70): “pode-se dizer que o OCP é o princípio que rege a haplologia, pois proíbe segmentos consecutivos ou adjacentes que sejam idênticos”. Diante das análises da haplologia sintática no PB, observamos também que a atonicidade da sílaba suprimida parece ser um fator relevante no processo.

2. Análise dos dados

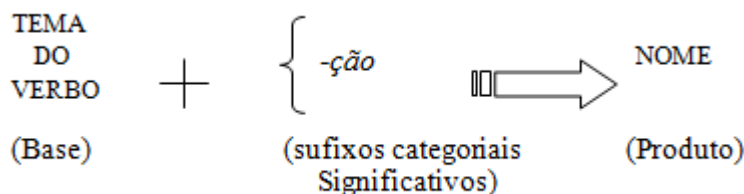
Primeiramente realizamos a coleta e a organização dos dados que seriam descritos e estudados. Como lembra Basílio (1999, p.60), “a ocorrência de uma construção lexical pode provir tanto de uma RFP (Regra de Formação de Palavras) quanto do acesso a um item já armazenado no léxico, e, portanto, não evidencia a operação do processo correspondente”. Assim, em virtude dessa dupla natureza do léxico (componente de regras e lista de entradas lexicais), separamos apenas as palavras que vieram de uma RFP em que temos uma base verbal dando origem aos nomes que serão analisados.

Como neste trabalho estamos realizando um estudo de um tipo de processo morfofonológico condicionado pela derivação sufixal, isto é, a anexação de um sufixo a uma base (ROCHA, 2003), o sufixo em questão deve estar inserido em uma regra, ou seja, uma relação de regularidade que se estabelece entre uma base e um produto. Partindo de uma perspectiva gerativista, os falantes atuais do PB, além de serem capazes de ter uma intuição sobre a estrutura interna dessas palavras, podendo operar com as bases e afixos que estão disponíveis em PB, também têm competência de relacionar palavras entre si, podendo reconhecer a relação paradigmática que existe entre determinados verbos e alguns nomes, mesmo que um não seja um derivado direto do outro. Por isso, é possível reconhecer o sufixo *-ção* e determinada base verbal e, a partir daí, relacionar um nome e um verbo paradigmaticamente, mesmo que a base tenha algumas pequenas diferenças fonológicas com

relação a uma seqüência sonora também relacionada semanticamente à mesma idéia (ou seja, ao mesmo significado, na terminologia saussuriana). Como lembra Rocha (2003, p. 30):

Na morfologia tradicional, a preocupação residia em descrever as línguas, o que consistia em separar os morfemas da língua e classificá-los. Era uma operação “de fora para dentro”, em que o objeto língua era dissecado numa mesa de operação. Já na perspectiva gerativista, há uma preocupação dos lingüistas em explicitar a capacidade ou a competência que um falante nativo tem com relação ao léxico de sua língua, ou seja, a sua capacidade de formar novas palavras, de rejeitar outras, de estabelecer relações entre os itens lexicais, de reconhecer a estrutura de um vocábulo etc.

Neste estudo, separamos os itens lexicais que se encaixam na seguinte RFP:



Para coletarmos os dados relativos ao PB, fizemos uma pesquisa inicial em um banco de dados construído com recursos da FAPESP e da UNESP, por uma equipe coordenada pelo Prof. Francisco da Silva Borba e que está disponível no Laboratório de Lexicografia da UNESP (LabLEX). Segundo o site do LabLEX⁷, este laboratório é “ponto de chegada do Centro de Estudos Lexicográficos instalado em 1990 na Faculdade de Ciências e Letras - Câmpus de Araraquara - UNESP”. Atualmente o LabLex conta com instalações próprias para o desenvolvimento de várias atividades de pesquisa.

Com o propósito inicial de fazer um dicionário que focalizasse a regência dos verbos, esse *corpus*, chamado por Borba de “*Corpus* de Araraquara”, começou a ser idealizado no fim da década de 70 com muita dificuldade, já que não havia computadores para o gerenciamento dos dados. Ainda na década de 90, começou a ser usado o software *Folio VIEWS*[®] 3.1, que ainda hoje continua sendo empregado para a organização e manipulação dos dados. Em 2002, o “*corpus* de Araraquara” possuía um “total de mais de 70 milhões de ocorrências de palavras em textos de literatura romanesca, dramática, técnica, oratória e jornalística, com absoluta predominância desta última, por ser aí que as palavras mais circulam” (BORBA, 2002, p.5).

Como podemos perceber, esse *corpus*, com vários textos escritos no Brasil, reúne vozes de diversos autores e cobre uma rica variedade de temas, gêneros e enfoques, o que nos permitiu uma boa observação do uso das palavras selecionadas.

Ao utilizar o software de pesquisa *Folio Views*[®] 3.1 (banco de dados de português), observou-se que este programa não faz uma listagem das palavras-alvo, apenas apresenta o contexto de ocorrência todas as vezes que um determinado vocábulo aparece. Dessa forma, uma mesma palavra aparece repetida muitas vezes no *corpus*. A partir daí, optamos por usar o programa ANTCONC 3.2.1⁸, que é um conjunto de ferramentas que permite buscas e faz o cálculo estatístico das ocorrências das palavras em um *corpus* escrito e foi desenvolvido por Laurence Anthony, da Faculty of Science and Engineering - Waseda University.

⁷ O site do LabLEX é <http://cel08.fclar.unesp.br>.

⁸ Disponível gratuitamente no site http://www.antlab.sci.waseda.ac.jp/antconc_index.html.

Ainda assim, a lista de palavras gerada pelo ANTCONC 3.2.1 (525 palavras de final –*ção*, –*ssão* e –*são*) não é uma lista limpa, isto é, encontramos todas as palavras terminadas nos finais –*ção* (–*ssão*, –*são*), mas nem todas são casos de derivação de nomes deverbiais. Por isso, as listas geradas pelo programa têm que passar por um processo de “limpeza”, a fim de serem retiradas as palavras que não servirão para nossa análise.

Dessa forma, excluimos as palavras que não apresentam relação paradigmática com nenhum verbo, como *coração*, e também palavras que apresentam a mesma base do adjetivo a que são ligadas de maneira paradigmática (forma do particípio passado) como *devolução*, *revolução*, *dissolução* derivados de *devoluto*, *revoluto* e *dissoluto*, respectivamente. Assim, fizemos a catalogação de 426 palavras terminadas em –*ção* e iniciamos nossos estudos de acordo com os modelos fonológicos não-lineares, sobretudo a Geometria de Traços e a Fonologia Lexical.

A partir dos dados coletados no *corpus* de PB descrito, observamos as mudanças entre a base e o produto, afinal para uma análise de processos morfofonológicos relacionados à formação de palavras por derivação deve-se sempre observar a interação entre os aspectos fonológicos e a constituição do léxico, assim, podemos ver quais mecanismos a língua tem para ampliar seu léxico a partir de palavras já existentes. Assim, encontramos alguns processos morfofonológicos que se encontram, de forma esquemática, na tabela 1, abaixo:

Tabela 1 – Resultados finais das ocorrências dos processos encontrados no PB

Processos	Ocorrências	
	-ção	
	quantidade	%
Justaposição	315	71%
Alomorfia da Vogal Temática (VT)	11	2%
Haplogia	79	20%
Haplogia + Alomorfia do Radical	7	4%
Supressão da Vogal Temática (VT)	13	3%
Total	446	100%

Como podemos notar a partir da tabela 1, a haplogia foi um processo bastante produtivo no *corpus*, correspondendo a 24% das ocorrências totais (20% da ocorrência de haplogia e 4% da ocorrência de haplogia seguida da alomorfia do radical)⁹. Na tabela 2, abaixo, encontram-se os dados totais dos casos de haplogia separados por conjugação verbal:

Tabela 2 - Casos de haplogia no PB separados por conjugação verbal

	-ção	
	quantidade	%
1. ^a Conjugação	23	27%
2. ^a Conjugação	22	26%
3. ^a Conjugação	34	47%
Total	79	100%

⁹ Como o interesse principal deste trabalho é a descrição do processo de haplogia que ocorre na formação dos nomes deverbiais com o sufixo –*ção*, não vamos detalhar aqui os demais processos morfofonológicos encontrados. Para uma descrição de todos os processos ocorridos no *corpus* consultar Prado (2010).

Percebemos, diante dos dados, que a haplologia teve um maior número de ocorrências nos nomes derivados de verbos de terceira conjugação (47%), enquanto que derivados de verbos da primeira e da segunda desencadearam menos esse processo. Abaixo, no exemplo (6), apresentam-se alguns dos casos de haplologia:

(6)

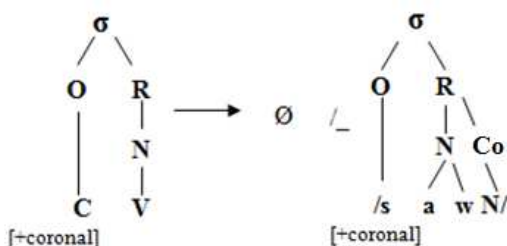
<i>Adoção</i>	<i>remoção</i>	<i>Condução</i>	
[adota] _{base} [-sawN] _{sufixo}	[xemove] _{base} [sawN] _{sufixo}	[koNduzi] _{base} [-sawN] _{sufixo}	forma de base
			léxico
			1º estrato:
adotasawN	xemovesawN	koNduzisawN	justaposição
a.do.ta.sawN	xe.mo.ve.sawN	koN.du.zi.sawN	silabação
			2º estrato:
a.do.ta.sáwN ∪ ∪ ∪ —	xe.mo.ve.sáwN ∪ ∪ ∪ —	koN.du.zi.sáwN — ∪ ∪ —	acento principal (regra default)
a.do.sáwN	xe.mo.sáwN	koN.du.sáwN	haplologia
			pós-léxico
[ado ¹ sẽũ]	[xemo ¹ sẽũ]	[kõdu ¹ sẽũ]	output

Nos exemplos, vemos a queda de várias sílabas diferentes (<ta>; <vê>; <zi>) que possuem em comum o traço [+coronal] na consoante do *onset*, também presente na consoante inicial do sufixo -*ção*. É importante, aqui, ressaltar o momento da silabação da palavra que está sendo criada, pois, através do quadro acima, notamos que a sílaba que sofre a queda no momento da derivação é uma sílaba leve e átona do tipo CV, enquanto que o sufixo é uma sílaba complexa e pesada e, por isso, recebe o acento principal. Ao mesmo tempo, o sufixo carrega as informações morfológicas necessárias para criar um novo vocábulo, o que o torna primordial na estrutura da palavra que está sendo criada. Além disso, como a sílaba apagada na estrutura da palavra é átona, existe a possibilidade de que a haplologia aconteça depois da atribuição do acento. Como vimos nos trabalhos sobre haplologia sintática no PB, a atonicidade da sílaba é um fator recorrente nesse processo, desta forma, pode ser importante também na ocorrência da haplologia morfológica.

Os dados corroboram os dizeres de De Lacy (1999), de que alguns traços simplesmente não importam para a ocorrência da haplologia morfológica, e de Plag (1998), de que algumas propriedades como a estrutura silábica e o acento podem ser fatores envolvidos na haplologia. Observamos aqui que todas as sílabas que “caem” são do tipo CV e átonas, o que nos leva a concluir que esses fatores são importantes para os casos de haplologia encontrados. Além disso, pode-se dizer que o PCO também é uma restrição que age nesses casos, colaborando para que sílabas com o traço [+coronal], na consoante do *onset*, não fiquem adjacentes na formação dos derivados em -*ção*.

Assim, temos a seguinte regra geral para os processos de haplologia encontrados:

(7)



Também encontramos em PB casos de haplologia seguida de alomorfia na vogal do radical envolvendo derivados de verbos primeira e segunda conjugações. Na tabela 3, abaixo, mostramos de maneira esquemática a distribuição dos processos separados por conjugação verbal:

Tabela 3 - Casos de haplologia + alomorfia da vogal do radical no PB separados por conjugação verbal

	-ção	
	quantidade	%
1.^a Conjugação	1	15%
2.^a Conjugação	6	85%
3.^a Conjugação	---	---
Total	7	100%

Os casos de haplologia seguidos de alomorfia da vogal do radical aconteceram, em sua maioria, com derivados de verbos da segunda conjugação, sendo que houve apenas uma ocorrência com verbo de primeira conjugação, totalizando somente 15% dos nomes que sofreram o processo. Eis alguns exemplos da ocorrência desse processo:

(8)

<i>confissão</i>	<i>comissão</i>	
[koNfesa] _{base} [sawN] _{sufixo}	[komete] _{base} [-sawN] _{sufixo}	forma de base
léxico		
1º estrato:		
koNfesasawN	kometesawN	justaposição
koN.fe.sa.sawN	ko.me.te.sawN	silabação
2º estrato:		
koN.fe.sa.sáwN	ko.me.te.sáwN	acento principal (regra default)
— ∪ ∪ —	∪ ∪ ∪ —	
koN.fe.sáwN	ko.me.sáwN	haplologia
KoN.fi.sáwN	ko.mi.sáwN	Alomorfia do radical: levantamento da vogal
pós-léxico		
[kõfi'sẽũ]	[komi'sẽũ]	<i>output</i>

A partir dos dados, observa-se que, depois da haplologia, ocorre o levantamento da vogal /e/ do radical, fenômeno que ocorre em outros contextos no PB atual, pois alguns estudos variacionistas (como Viegas, 1987, 2003; Oliveira, 1992; Lee, 2009 e Carmo, 2009) revelam que, em determinadas variedades do PB atual, ocorre variação entre as vogais [e] e [i]. Esses pesquisadores indagam-se sobre os motivos e os contextos em que aparecem essas variações, a fim de identificar fenômenos fonéticos e fonológicos que favoreceriam este tipo de mudança, como, por exemplo, o fenômeno da harmonia vocálica. Diante dos nossos dados, pode-se levantar a hipótese de que a haplologia poderia condicionar essa variação em alguns momentos, considerando que tanto a consoante /s/ como a vogal /i/ são agudas.

2. Considerações finais

Observando a literatura sobre a haplologia, chegamos à conclusão de que é um fenômeno que ocorre em diferentes contextos e que pode ser encontrado tanto na formação de palavras quanto no nível pós-lexical. Os casos estudados neste trabalho ocorreram na adjunção do sufixo *-ção* e as sílabas suprimidas foram sempre átonas e do tipo CV. Portanto, as sílabas que desapareceram no processo de haplologia, em nenhum dos casos encontrados, eram idênticas à sílaba *-ção* do sufixo; desta forma, poderíamos classificar esses casos como haplologia de identidade parcial, seguindo a terminologia de De Lacy (1999). Observando os casos que sofreram este processo e a literatura sobre este assunto, concluímos que apenas o traço [+coronal] é importante na ocorrência dos fenômenos de haplologia encontrados, concordando, deste modo, com De Lacy (1999, p.14), para quem “*some features simply do not matter in partial-identity haplology*”. Diante disso, notamos que o PCO age provocando a queda de algumas sílabas que tenham o mesmo traço [+coronal] que a consoante /s/ do sufixo, da mesma forma que pode agir provocando a queda de outros tipos de sílabas em outros contextos.

De acordo com Battisti (2004), o PCO é uma restrição importante para a ocorrência da haplologia e, por isso, ocupa posição privilegiada no ranking de restrições elencado pela autora para seu estudo sobre haplologia sintática no PB. Diante dos nossos dados, dos estudos de Battisti (2004) e de outros trabalhos explorados ao longo deste trabalho, há indícios de que o PCO seja importante para a análise universal do fenômeno da haplologia; assim, levantamos a hipótese de que o PCO é um fator importante para a ocorrência da haplologia morfológica no PB.

Notamos, também, que em alguns momentos, a haplologia co-ocorreu com a alomorfa da vogal do radical; assim, em alguns derivados que foram submetidos à haplologia, houve a mudança de uma vogal pretônica /e/ do radical para /i/. Na literatura sobre o assunto, vemos que é possível acreditar numa variação entre /e/ e /i/ em posição pretônica em algumas variedades do PB atual, o que explica essa alomorfa nos casos encontrados.

Referências

- ALKMIM, M; GOMES, C. Dois fenômenos de supressão de segmentos em limite de palavra. *Ensaio de Lingüística*, 1982, v.7, p. 43-51.
- BASÍLIO, Margarida. *Estruturas lexicais do Português: uma abordagem gerativa*. Petrópolis: Vozes, 1980.
- BASÍLIO, Margarida. A Morfologia no Brasil: indicadores e questões. In: *D.E.L.T.A.*, Vol. 15, n.º ESPECIAL. São Paulo, 1999. (p. 53-70)
- BASÍLIO, Margarida. *Teoria Lexical*. São Paulo: Ática, 2001. (Série Princípios)

- BASÍLIO, Margarida. *Formação de Palavras no Português do Brasil*. São Paulo: Contexto, 2006.
- BATTISTI, Elisa . Haplologia sintática e efeitos da economia. *Organon* (UFRGS), Porto Alegre - RS, v. 18, n. 36, p. 31-39, 2004.
- BISOL, L. Sândi vocálico externo: degeminação e elisão. *Cadernos de Estudos Lingüísticos*, Campinas, n. 23, p. 83-101, jul/dez 1992.
- BISOL, Leda. Fonologia Lexical. In.: BISOL, Leda (org.) *Introdução a Estudos de Fonologia do Português Brasileiro*. 4ª edição revista e ampliada. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2005a. p. 83-100.
- BISOL, Leda. Os constituintes prosódicos. In.: BISOL, Leda (org.) *Introdução a Estudos de Fonologia do Português Brasileiro*. 4ª edição revista e ampliada. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2005b. p. 243-255.
- BORBA, Francisco da Silva (coordenador). *Dicionário Gramatical de Verbos do Português Contemporâneo do Brasil*. São Paulo: Editora da UNESP, 2002.
- CAGLIARI, Luiz Carlos. *Fonologia do Português - Análise pela Geometria de Traços (Parte I)*. Campinas: edição do autor, 1997.
- CAGLIARI, Luiz Carlos. *Fonologia do Português - Análise pela Geometria de Traço e pela fonologia lexical (Parte II)*. Campinas: edição do autor, 1999.
- CAGLIARI, Luiz Carlos. *Análise Fonológica. Introdução à teoria e à prática, com especial destaque para o modelo fonêmico* . Campinas: Mercado de Letras, 2002.
- CAGLIARI, Luiz Carlos. *Elementos de fonética do português brasileiro*. São Paulo: Paulistana, 2007.
- CÂMARA JR., Joaquim Mattoso. Dicionário de lingüística e gramática referente a *Língua Portuguesa*. Rio de Janeiro: J. Ozon, 2004 (primeira edição 1964).
- CAMÂRA JR., Joaquim Mattoso. *Estrutura da Língua Portuguesa*. 36.ª edição. Petrópolis: Editora Vozes, 2004 (primeira edição 1970).
- CÂMARA JR., Joaquim Mattoso. *História e Estrutura da Língua Portuguesa*. Rio de Janeiro: Padrão, 1975.
- CRYSTAL, David. *Dicionário de Lingüística e Fonética*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2000.
- DE LACY, Paul. Morphological haplology and correspondence. In.: DE LACY, Paul; NOWAK, Anita. (1999) *University of Massachusetts Occasional Papers: Papers from the 25th Reunion*. Amherst, MA: GLSA, 1999. Disponível em: <http://roa.rutgers.edu/files/298-0299/roa-298-lacy-1.pdf> (ROA 289). Acesso em: 26 de nov. de 2009. p. 1-39.
- DICIONÁRIO Eletrônico Houaiss da Língua Portuguesa*. Rio de Janeiro: Objetiva, 2004. CD-ROM. [Não paginado].
- LAROCA, Maria Nazaré de Carvalho. *Manual de Morfologia do Português*. 3.ª edição. Campinas: Pontes, 2003.
- LEAL, E. G. *Elisão silábica e Haplologia: Aspectos Fonológicos do Falar da Cidade de Capivari*. Dissertação de Mestrado. São Paulo: Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo, 2006a.
- LEAL, E. G . Estudo sobre redução silábica e haplologia no falar da cidade paulista de Capivari. In.: Piris, Eduardo Lopes (Org.). *O papel do lingüista na sociedade: Seleção de textos proferidos durante o VII Encontro dos Alunos de Pós-Graduação em Lingüística da Universidade de São Paulo*. São Paulo: Paulistana Editora, 2006b. p.1-9.
- LEE, S.-H.. *Morfologia e Fonologia Lexical do Português*. Tese de Doutorado - IEL/UNICAMP, Campinas, 1995.
- LEE, S. Variação Lingüística e Vogais no PB. In: HORA, D. (org.). *Vogais: no ponto mais Oriental das Américas*. João Pessoa: Ideia, 2009. p. 29-43.

- MONTEIRO, José Lemos. *Morfologia Portuguesa*. 4.^a ed. Campinas: Pontes, 2002.
- PAVEZI, V.C. Monomorfemas, haplologia e elisão. In: *Estudos Lingüísticos XXXIV*. Campinas, SP, p. 750-755, 2005.
- PAVEZI, V.C. Haplologia entre fronteiras acima da palavra fonológica. In: *Estudos Lingüísticos XXXV*. Araraquara, SP, p. 1945-1951, 2006.
- PRADO, Natália C. *Processos morfofonológicos na formação de nomes deverbais com os sufixos -çon/-ção e -mento: um estudo comparativo entre Português Arcaico e Português Brasileiro*. Dissertação de Mestrado. FCL/UNESP, Araraquara: 2010.
- ROCHA, Luiz Carlos de Assis. *A nominalização no português do Brasil*. Revista de Estudos da Linguagem, Belo Horizonte, v.8, n.1, p.5-52, 1999.
- ROCHA, Luiz Carlos de Assis. *Estruturas morfológicas do Português*. Belo Horizonte: Editora da UFMG, 2003.
- SANDMANN, António José. *Competência Lexical*. Curitiba: Editora da UFPR, 1991.
- SANDMANN, António José. *Morfologia Lexical*. São Paulo: Contexto, 1992.
- SILVA, Thaís Cristófar. *Fonética e fonologia do português*. São Paulo: Contexto, 2005.
- TENANI, L.E.: *Domínios Prosódicos no Português do Brasil*. Tese de Doutorado. Campinas: Unicamp, 2002.
- YIP, Moira. The obligatory contour principle and phonological rules: a loss of identity. *Linguistic Inquiry*. vol.19, n.1, p. 65-100. Cambridge: MIT Press Journals, 1988.